

## As minorias e a pedagogia da libertação: pensando a mudança social

Autora<sup>1</sup>: Aline Hernandez.

Co-autoras<sup>2</sup>: Aline Accorssi, Claudia Galante, Cristiane Redin Freitas, Helena Scarparo, Márcia Pedroso, Pedrinho Guareschi, Samantha Torres.

*Resumo:* Propõe-se uma articulação entre a Psicologia das Minorias Ativas (modelo genético Moscovici 1961-1981) e a Pedagogia da Libertação (Paulo Freire, 1967-1997). Um ponto comum entre tais teorias foi a preocupação em desenvolver um paradigma da mudança a partir das Ciências Humanas e Sociais, em contraponto a uma ciência da estabilidade. O processo de influência social é o terreno de mobilização e ação das minorias ativas, grupos dissidentes e excluídos que tencionam saberes e práticas hegemônicas espalhadas no social. O poder das minorias está, de um lado, na definição de uma luta, na construção de um espaço de participação, representação e negociação; de outro, em sua capacidade de influência social, um processo contínuo que depende de estilos de comportamentos consistentes, ou seja, ações que dialoguem socialmente e manifestem conflitos percebidos. Os estilos de comportamento compõem uma dimensão ativista, uma esfera prática das representações sociais, isto é, as representações em ação. Estas representações, quando difundidas na esfera pública, influenciam as mudanças (Moscovici, 2003) e orientam práticas inovadoras ou renovadas. Para Moscovici (2003) há um drama implicado no processo de transformação do conhecimento: o nascimento de uma nova representação social. O processo de anunciar uma idéia nova, divergente, aquela que rompe com o naturalizado, com o institucionalizado instaura, no social, espaços de diálogo, de luta e de tensão. A idéia emergente (representação nova) faz com que outros segmentos sociais examinem e questionem suas próprias crenças e posições. Uma das teses centrais da psicologia das minorias ativas (Moscovici, 1981) é a de que os processos de influência estão intimamente ligados à produção e reabsorção de conflitos, na apresentação de contradições que, muitas vezes, estão silenciadas pelas maiorias dominantes (Guareschi, 2009). Tanto a Psicologia das Minorias Ativas de Moscovici quanto a Pedagogia Dialógica de Freire estão interessadas na mudança social, na inovação. Existe uma noção de estilo comportamental e de relação entre maiorias e minorias. No entanto, as minorias não devem ser compreendidas em termos quantitativos, mas como grupos sociais excluídos, divergentes e, portanto, possuidores de um status social marginal ou inferior já que não ocupam o lugar das elites. A luta entre maiorias e minorias é simbólica, cognitiva e comunicativa, é uma luta cultural “*kulturkampf*” (Moscovici, 2003) que coloca pontos de vista e posicionamentos éticos em oposição, é uma luta por instaurar coletivamente modos diferentes de pensar.

---

<sup>1</sup> Aline Hernandez [alinehernandez@hotmail.com](mailto:alinehernandez@hotmail.com) doutora em Psicologia Social Universidad Autónoma de Madrid, professora convidada do PPG Educação da FACCAT (Faculdades Integradas de Taquara), participante do grupo de pesquisa e leitura Ideologia, Comunicação e Representações Sociais coordenado pelo Dr. Pedrinho Guareschi PhD. UFRGS.

<sup>2</sup> Aline Accorssi [alineaccorssi@gmail.com](mailto:alineaccorssi@gmail.com) doutoranda do PPG Psicologia PUCRS, Claudia Galante [claudiagalante@qg.com.br](mailto:claudiagalante@qg.com.br) mestranda do PPG Psicologia UFRGS, Cristiane Redin Freitas [cristianeredin@yahoo.com.br](mailto:cristianeredin@yahoo.com.br) mestra pelo PPG Psicologia PUCRS, Helena Scarparo [hbks@terra.com.br](mailto:hbks@terra.com.br) professora do PPG Psicologia PUCRS, Samantha Torres [torres.samantha@gmail.com](mailto:torres.samantha@gmail.com) aluna do curso de Psicologia PUCRS, Márcia Pedroso [marcia-pp@hotmail.com](mailto:marcia-pp@hotmail.com) professora da Faculdade de Psicologia ULBRA Cachoeira do Sul e doutoranda do PPG Psicologia PUCRS. Todas as co-autoras são pesquisadoras integrantes do grupo Ideologia, Comunicação e Representações Sociais coordenado pelo Dr. Pedrinho Guareschi Ph.D na UFRGS [pedrinho.guareschi@ufrgs.br](mailto:pedrinho.guareschi@ufrgs.br).

## 1.1 O paradigma da mudança e a proposta dialógica

Serge Moscovici e Paulo Freire foram pensadores contemporâneos, apesar de não encontrarmos um diálogo teórico formalmente elaborado entre ambos. Nos anos 60 do século 20 foram considerados pensadores influentes e revolucionários, que balançaram as estruturas da Psicologia Social clássica e da Educação. Pode-se dizer que ambos elaboraram pressupostos teóricos fundamentais à formulação de um paradigma da mudança em contraponto a uma ciência da conformidade e da estabilidade, ou seja, uma proposta teórica com explícita intencionalidade política.

Mudança e estabilidade não são um “em si”, algo separado ou independente da estrutura; não são um engano da percepção. Mudança e estabilidade resultam ambas da ação, do trabalho que o homem exerce sobre o mundo. Como um ser de práxis, o homem, ao responder aos desafios do mundo, cria seu mundo: o mundo histórico-cultural. O mundo de acontecimentos, de valores, de idéias, de instituições. Mundo da linguagem, dos sinais, dos significados, dos símbolos (Freire, 1983, p.46).

Moscovici estudou a fundo as teses que dominaram a Psicologia Social até os anos 60, refutando os estudos norte-americanos clássicos (a saber: o de norma emergente de Sherif (1936), o de conformidade grupal de Asch (1952) e o de liderança e obediência servil de Milgram (1963), estudos experimentais, de cunho individualista que defendiam a conformidade e a obediência individual em função de um líder com *status* superior forte no interior dos grupos). Conforme Farr (1998, p.41) nas pesquisas experimentais a “*pele era o limite do estudo*”, isto é, o foco central era localizar no indivíduo aqueles comportamentos manifestos, observáveis que pudessem localizar e manter as regularidades sociais que garantiam a homeostase do sistema. Podemos associar esse tipo de tese à lógica do final da II Guerra Mundial e da Guerra Fria que dominava o “espírito científico” da época: nada de conflitos aparentes, a idéia de progresso a partir da idéia de nação e do esforço individual e, para tanto, a necessidade de uma “ortopedia social”. Neste contexto, o psíquico (o simbólico e o subjetivo) era mantido na fronteira de uma Psicologia onde a dimensão social era fartamente controlada pela necessidade de manter a ordem vigente. A psicologia social da época, com propostas de adaptação ao meio social denotava tal intuito. O laboratório é, assim, um produto social daquele tempo, expressão máxima daquele modo e projeto social.

Em contraponto a esta lógica que bania o conflito e, por conseguinte, uma episteme das minorias Moscovici (1981, p.18) no prefácio da obra *Minorias Ativas* afirma: “No mundo social, fora do laboratório, existem inovações, há revoluções, há lutas simbólicas entre majorias e minorias, etc. Não conheço ninguém que possa realizar a proeza intelectual de demonstrar que inovar, lutar, se reduz a mesma estrutura de respeitar à ordem, manter a uniformidade de condutas e opiniões”.

Freire, por sua vez, criticou efusivamente o modelo pedagógico da educação bancária onde o estudante é “aluno”, um mero depositário dos conteúdos programáticos definidos pelo professor como os mais importantes. “*Educa-se para arquivar o que se deposita*” o que cria uma “*consciência ingênua*” (1983, p.38). Neste tipo de relação pedagógica o professor também ocupa (a exemplo do líder forte dos estudos clássicos) uma posição desigual e hierarquicamente superior em relação aos alunos. O caráter alienante deste tipo de pedagogia manifesta-se de duas maneiras: a) conteúdos estranhos à pessoa do educando, estranhos à sua existência e necessidades reais, b) métodos antidialógicos, que domesticam e não levam em conta o ponto de vista e os saberes do

outro. Ao longo de sua obra Freire sublinhou a necessidade de que o educador conhecesse profundamente sua realidade e a de seus educandos, admitindo que “os outros” estão, como ele, condicionados pela realidade dialeticamente permanente e mutável. O educador comprometido com a mudança se interessa em compreender a própria percepção que o educando tem de sua realidade, ainda que condicionada pela estrutura social em que se encontra. A educação reflexiva não está voltada à adaptação, mas à transformação. Neste sentido a educação é um **ato político** e o **encontro dialógico** só acontece quando existe a perspectiva de igualdade para poder contatar e aprender a partir das diferenças. A proposta dialógica consiste em compreender as antinomias em processo e, a partir delas, produzir novas linhas de ação e pensamento.

Além de preocupados com um paradigma da mudança, ambos pensadores sublinham a necessidade de **analisar criticamente** a realidade social e as teorias dominantes mantenedoras do *status quo*. Ambos concebem a realidade como uma estrutura social que não é unicamente estática, mas mutável já que não há estrutura social que não seja humana, histórica e cultural.

A mudança implica, em si mesma, uma constante ruptura, ora lenta, ora brusca, da inércia (...) Enquanto a estrutura social se renova através da mudança de suas formas, da mudança de suas instituições econômicas, políticas, sociais, culturais, a estabilidade representa a tendência à normalização da estrutura. Desta forma, não se pode estudar a mudança sem estudar a estabilidade; estudar uma é estudar a outra (Freire 1983, p.47).

Para Moscovici os atos psíquicos (individuais) têm origens sociais: o pensamento, o senso comum e a ciência se misturam a um só tempo, na história e na cultura. A realidade é uma estrutura social em inter-relação com outras estruturas sociais. Ontologicamente, um ser que é *ser para si* torna-se um ser *para o outro*, dependente quando perde seu direito de decidir, seguindo prescrições e determinações sociais (o que Hegel chamou de consciência servil ou senhorial).

Parece uma aberração, de qualquer modo, considerar as representações como homogêneas e partilhadas como tais por toda a sociedade. O que quisemos enfatizar, ao abandonar a palavra coletivo, era essa pluralidade de representações e sua diversidade dentro de um grupo. Com efeito, o que tínhamos em mente eram representações que estavam sempre se construindo, no contexto de interações e ações que estavam, elas também, sempre se refazendo (Moscovici 1988, p.219).

Moscovici enfatiza o caráter mutável das comunidades, lugares aonde as mudanças vão sendo incorporadas a partir das representações sociais, formas de conhecimento que sustentam nossas relações e nossas vidas. Ambos pensadores não admitem uma visão ingênua sobre a comunidade, mas contextos em movimento, forças coletivas que operam a partir de rupturas que transformam as sociedades constantemente e impactam diversamente o cotidiano dos grupos sociais. Parece ser uma “crença” constante de ambos a possibilidade de ter intenções, conhecê-las e, a partir destas, lutar por mudanças.

## 1.2 O ser humano em relação: agente de mudança

Tanto Moscovici quanto Freire concebem um ser humano **agente de mudança** que deseja e assume a ação transformadora. Para efetivá-la os sujeitos se organizam em grupos, organismos de caráter ideológico onde defendem suas opções, criando estratégias e táticas de ação. Freire chamará a estes grupos de trabalhadores sociais e Moscovici de minorias ativas. O desejo é em elemento fundamental à ação política. A mudança sempre implica intenção e relação.

Para Freire (1983) o ser humano é **sujeito ativo** de transformação e não seu objeto. A estrutura social é obra dos seres humanos e, portanto, é sempre contraditória: envolve tanto os que pretendem mantê-la quanto os que, insatisfeitos, pretendem transformá-la. Há então um antagonismo constante entre os que querem e os que não querem a mudança. Moscovici admite este confronto quando explicita que há, sempre, uma luta simbólica, objetiva e material entre majorias e minorias. A mudança inicia-se numa *problematização da consciência*: da passagem do estado de “objeto” a sujeito. Este dar-se conta de seu papel ativo na mudança é o processo de *politização da consciência*.

Ambos admitem que a mudança depende, sempre, de um posicionamento crítico, inquieto, descontente e desejante, que questiona a ordem e a uniformidade de condutas e opiniões. A mudança é, então, sempre processo (projeto) e não pode abrir mão da dialógica, da tensão declarada entre posições diferentes.

## 1.3 O papel das minorias ativas na mudança social

Uma minoria social não se define por sua inferioridade quantitativa. Existem elementos que singularizam a minoria em relação à maioria hegemônica e a caracterizam como um corpo social capaz de protagonizar uma luta, reivindicar direitos esquecidos dentro e fora dos aparatos institucionais do Estado. As minorias são **dispositivos simbólicos com objetivos ético-políticos contra-hegemônicos**. São, portanto, grupos marginais ante a ordem jurídico-social instituída (Sodré, 2005).

Para Freire (1983) a mudança social passa pela *desmitificação* da realidade, já que os mitos são os elementos básicos da ação manipuladora; favorecem uma consciência ingênua e uma visão distorcida da realidade que opera a favor da classe dominante. Aqui se poderia falar do uso dos mitos como formas absorvidas pelos humanos para explicar a realidade. Assim, desmistificar significa estranhar e compreender a realidade de modos outros.

A comunicação permite revisar a percepção ingênua da realidade, da qual resulta uma *postura fatalista, um sujeito coisificado* condicionado pela própria realidade. Visões ingênuas são muitas e acontecem sempre, mas é a **fatalidade** que embota o desejo de mudança e não permite o movimento intencional. Refletir *com os outros* é uma estratégia para *conscientizar-se junto* das dificuldades de sua sociedade. Numa sociedade de classes conscientizar e lutar contra a ordem dominante e subvertê-la é instaurar um **conflito**. O método de Freire (1983) é da desobediência, do conflito e da suspeita crítica. O trabalho de **reflexão** consiste em detectar as forças que na realidade social estão com a mudança (olhando para frente, numa atitude progressista, de *futuridade*) e aquelas que estão com a permanência (olhando para trás, para o que parou no tempo e não quer revitalizar-se). Através da reflexão (capacidade analítica de *ver* e *ver-se* na realidade) os seres humanos objetivam a realidade (a interpretam) e, mediante esta percepção, que é um derivado das relações humanas, se dão conta de sua

capacidade *criadora* e potencialmente *transformadora*. A mudança de percepção se dá mediante uma análise crítica da realidade, na problematização de uma realidade concreta, no entrelaçamento de contradições. Implica uma apropriação do contexto e uma inserção nele. Para Freire (1983) o esforço do trabalhador social é apaixonado e corajoso e exige um compromisso, uma escolha e uma entrega comprometida com a luta em questão.

Comprometer-se com a luta não significa deixar de criticar os seus processos e as escolhas que fazemos em nome desses compromissos. Daí a importância e o risco de comunicar e expor contradições e os limites do projeto. “Moscovici atentou ao problema da pluralidade e importância da comunicação nas sociedades modernas, onde os mundos da vida e as práticas são contestados e negociados, e o espaço para uma visão de mundo homogênea, não questionada e singular é, na verdade, muito limitada” (Jovchelovitch, 2008). Moscovici também analisa esta consciência dos grupos sociais. Para ele, existem conhecimentos que assumem a natureza dos grupos: as representações sociais.

Moscovici chegou a Durkheim via Piaget e em Piaget buscou a inspiração do que a psicologia social deveria ser: uma ciência do desenvolvimento e mudança, e não de reações a ambientes fixos. Nas representações sociais, portanto, encontramos a luta entre tradição e inovação, entre conformidade e rebelião de minorias ativas (Jovchelovitch, 2008).

O exercício de atribuição de significados sociais à realidade é uma capacidade humana de interpretação da realidade. A tarefa da representação nos campos sociais está relacionada à *construção de cosmovisões*, com o estabelecimento de conjuntos de *conhecimentos cotidianos* que não apenas propõem um referencial para guiar a comunicação, a coordenação da ação e a interpretação do que está em questão, mas expressam projetos, identidades sociais e suas inter-relações. A luta das minorias é “pelo poder das **idéias do senso comum**, no estudo de como e por que as pessoas partilham o conhecimento e desse modo constituem sua realidade comum, de como transformam **idéias em práticas**” (Moscovici, 1981).

Este referente comunicacional, interpretativo é fundamental para que as minorias definam uma luta, construam um espaço de participação, representação e negociação. O processo de **influência social** depende da manifestação clara de um conflito (da apresentação de antinomias percebidas junto à esfera pública) e de um *estilo de comportamento consistente*, ou seja, um conjunto sistemático de ações que manifestem a oposição, a luta em si (Moscovici, 1981).

Aqui vale lembrar as experiências de Freire com os grupos sociais, minorias em processo de ativação, na medida em que passam a criticar as circunstâncias de suas vidas mediante encontros dialógicos e conteúdos geradores que emergem de saberes em contexto. “Seria uma ingenuidade pensar que as forças contrárias à mudança não percebem que a mudança de uma parte promove a mudança de outra, até que chega a mudança da totalidade, como seria ingenuidade também não contar com a reação, sempre mais forte, a estas transformações parciais” (Freire 1983, p.54).

Freire (1983, p.57) sublinhará, então, a necessidade de efetivar uma “mudança cultural”, da visão que os sujeitos têm de sua própria cultura: “a experiência histórica dos homens proporciona formas de ser correspondentes não mais à estrutura anterior (velha), mas à nova”. A mudança cultural não depende de um trabalho intelectual, mas da ação e reflexão em momentos históricos especiais. Se a realidade for vista como algo imutável, superior à força de resistência e divergência das pessoas a tendência será

assumir uma postura fatalista e procurar fora da realidade a explicação para sua impossibilidade de atuar. A mudança de percepção da realidade se dá antes de sua transformação propriamente. O antes participa da estrutura social, envolve as pessoas com um passado que é presente (anterior-presente-determinante) à estrutura.

Assim, ambos teóricos mencionam um espaço reflexivo e interpretativo, de tomada de consciência que se estende à ação. Moscovici admite que as minorias ativas lutam pelo direito da contestação entre diferentes formas de pensamento e pela inovação, desafiando pontos de vista e conhecimentos dominantes. Neste sentido, o conhecimento legitimado por matrizes científicas (autoridade reconhecida) entra em choque com aqueles conhecimentos elaborados no interior dos grupos sociais que querem romper e transformar a ordem das coisas. “Na verdade, é na sociologia de Weber que Moscovici encontra os temas que comandam o movimento das representações coletivas para as sociais: inovação, a importância das pessoas e as manifestações que as minorias ativas podem impor na formação e natureza da esfera pública” (Jovchelovitch, 2008). Só o estranhamento produzido pela leitura (relação) do pensamento de Weber e a disponibilidade para contatar e considerar o saber do outro poderia potencializar estas idéias. A partir de Moscovici assume-se a dimensão política e transformadora do embate de idéias, um desafio monstruoso para a Psicologia: considerar-se social a partir da insistência nos contrastes e nas diferenças.

#### *Referências bibliográficas*

FARR, R. (1998). *As raízes da Psicologia Social Moderna*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi e Paulo v. Maya. Petrópolis: Ed. Vozes.

FREIRE, P. (1983). *Educação e Mudança*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREIRE, P. (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. 8ª reimpressão. São Paulo: Ed. UNESP.

FREIRE, P. (2001). *Conscientização: teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Centauro.

GUARESCHI, P. (2009). *Representações em Movimento: Psicologia do Ativismo Político*. Porto Alegre: EDIPUCRS (no prelo).

JOVCHELOVITCH, S. (2008). Conhecimento, comunidade e esferas públicas. *Os Contextos do Saber: representações, comunidade e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2008.

MOSCOVICI, S. (1981). *Psicologia de las Minorias Activas*. Madrid: Ed. Morata.

MOSCOVICI, S. (2003). *Representações Sociais: Investigações em psicologia social*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes.

SODRÉ, M. (2005). Por um conceito de minoria. In PAIVA, R., BARBALHO, A. (orgs.). *Comunicação e cultura das minorias*. São Paulo: Paulus.